

## Norbert Elias: apontamentos bibliográficos e metodológicos para a Sociologia e História do Conhecimento e da Ciência

Huener Silva Gonçalves  
Francismary Alves da Silva\*

**Resumo:** O presente artigo visa fazer um breve apanhado da produção bibliográfica do sociólogo Norbert Elias voltada para a sociologia do conhecimento e ciência, ainda desconhecida do público brasileiro. Em um segundo momento, procuraremos vislumbrar de que maneira ferramentas conceituais como redes de interdependência e figurações estabelecidos-outsiders podem nos auxiliar na análise do desenvolvimento das ciências. Ao discutirmos a relação cientista-comunidade científica, daremos ênfase à própria trajetória de Elias, uma vez que nossa hipótese é de que a sua visão sobre sua posição na comunidade de sociólogos pode nos possibilitar a compreensão de como suas principais ferramentas metodológicas podem nos ajudar a compreender a lógica da relação entre indivíduos dentro dessa figuração.

**Palavras-chave:** Norbert Elias, Sociologia e História do Conhecimento e da Ciência.

**Abstract:** The present work aims to sum up briefly the bibliography of the sociologist Norbert Elias about sociology of knowledge and science, still unknown for the Brazilian public. In a second moment, we seek to see how conceptual tools such as interdependencies and estabelecidos-outsiders relations could help us to explain the science development. Debating the scientist – scientific community, we will stress on Elias's own trajectory, once our hypothesis is that his vision about his position in the community of sociologists would provide us understanding of how these methodological tools could show us the logic of the relationship between individuals inside this social panel.

**Key-words:** Norbert Elias, Sociology and History of Knowledge and Science.

Quem na França não reconhece Pasteur como grande herói da ciência? Quem no Brasil não deixaria de relacionar os nomes de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas para a ciência e a saúde no país? Porém, a História e a Sociologia da Ciência tem mostrado atualmente que tais indivíduos se tornaram “heróis” em suas nações pela capacidade que tinham de negociar com outros indivíduos ao longo de sua trajetória de vida. Essa capacidade de negociação se faz entender ao observamos esses cientistas em suas redes e no interior dos grupos nos quais transitavam. Muito dessa metodologia de análise, ao nosso ver, apresenta familiaridade com

---

\* Mestrandos da Linha Ciência, Técnica e Cultura na História do Programa de Pós Graduação em História da UFMG, e-mails: francismarys@yahoo.com.br; huenerufmg@yahoo.com.br. O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

conceitos elaborados por Norbert Elias, como *figurações*, *redes* ou *teias de interdependências*, entre outros. Tais conceitos procuram um viés diferenciado para a relação indivíduo-sociedade dentro de desenvolvimentos de longo prazo, não planejados e não previsíveis, bem diferente daqueles conceitos que dariam ênfase somente ao indivíduo ou a sociedade. Elias ficaria conhecido, principalmente no Brasil, por suas análises que perpassariam essa discussão. Porém, há um “Elias” ainda pouco problematizado: um “Elias” voltado para a seara da Sociologia, Filosofia, História e Epistemologia do Conhecimento e da Ciência. Destarte, nosso trabalho buscará fazer apontamentos sobre essa bibliografia de Elias, procurando vislumbrar como ferramentas conceituais como *redes de interdependência* e *figurações estabelecidos-outsiders* podem nos auxiliar na análise do desenvolvimento das ciências. Ao discutirmos a relação cientista-comunidade científica, daremos ênfase à própria trajetória de Elias, uma vez que nossa hipótese é de que sua visão sobre sua posição na comunidade de sociólogos nos possibilita a compreensão de como suas principais ferramentas metodológicas podem nos ajudar a compreender a lógica da relação entre indivíduos dentro dessa *figuração*<sup>1</sup>.

### **Um Elias pouco conhecido: notas bibliográficas para a sociologia e para a história do Conhecimento e da Ciência**

Norbert Elias é atualmente lembrado no cenário acadêmico brasileiro entre pesquisadores da educação física, sociólogos e historiadores, destacando-se entre as suas obras, os dois volumes de *O Processo Civilizador*<sup>2</sup> e por conceitos ligados a ela, como *redes (teias) de interdependência*, *figurações*, *civilização*, *processo civilizador*, entre outros. Ainda assim, Elias continua sendo um autor pouco trabalhado no Brasil. Um dos principais motivos para isso poderia ser o fato de o autor ter ocupado, por bastante tempo, na própria comunidade de sociólogos uma posição *outsider*<sup>3</sup>. Nós podemos verificar isso em algumas passagens de *Norbert Elias por Ele mesmo*, quando o autor observa o quanto foi difícil ser escutado pelos seus pares:

- *E foi lá (Leicester) então que o senhor criou um departamento de sociologia.*
- *Em parte, sim. Eu tinha boas relações com os alunos e pretendia criar um curso de introdução à sociologia. Uma das maiores decepções da minha vida foi que elaborei um excelente curso de introdução à sociologia, destinado aos estudantes dos primeiros anos, e me dediquei a isso quase 10 anos; mas, depois, quando fui embora, ele foi sendo pouco a pouco edulcorado antes de ser finalmente abandonado.*

*Cuidava também para que apenas pessoas realmente talentosas se tornassem assistentes, o que causava um efeito bem bizarro: Leicester, depois de Londres, tornou-se um dos principais fornecedores de professores de sociologia na Inglaterra. Muita gente que era meu assistente lá ocupa uma cátedra atualmente.*

*Apesar disso, fico triste em ver que nenhum deles prosseguiu o que eu havia esboçado. A maioria considerava meu pensamento centrado no processo de longa duração uma posição marginal; e não estavam completamente errados, pois talvez lhes custassem a carreira seguirem aquele caminho. O fato de pensar em termos de processo de longa duração ainda não estava na moda, em sociologia.*

*- O senhor também não pretendia prosseguir na carreira?*

*- Eu não tinha nenhuma chance.*

*- Por quê?*

*- Pois bem! Considero-me inovador em sociologia, e todas essas inovações, no fundo, não eram aceitáveis na época. Cada vez que eu exprimia uma idéia inusitada ao longo de uma de minhas intervenções numa reunião de colaboradores, isso provocava uma discussão muito agressiva com as gerações mais jovens (p. 74-75). [...]*

*- No anos 50, o senhor era uma pessoa insignificante. Quando as coisas começaram a mudar?*

*- Eu era um outsider, e isso só mudou depois que deixei a Inglaterra (p. 76). [...]*

*- Quando percebeu os primeiros sinais dessa mudança?*

*- Não sei. Até hoje não tenho a sensação de ser totalmente compreendido. Há ainda tantos assuntos não retomados em minha obra. Ainda não tenho a sensação de ter concluído meu trabalho.*

*Só o fato de o tipo de teoria que busquei desenvolver ser diferente do que tradicionalmente se tem o hábito de considerar uma teoria, apoiando-se sobre modelos das ciências físicas, sempre cria enormes mal-entendidos. Mas penso de fato que os modelos futuros, nas ciências humanas, irão mais na direção que tomei do que na dos modelos físicos. Assim, não perdi a esperança de ter tempo para escrever mais para me fazer compreender melhor.*

*Quando falam de sucesso, naturalmente me orgulho de ter obtido o Prêmio Adorno e ser doutor honoris causa da Universidade de Bielefeld; isso são sinais positivos que mostram que estou conseguindo me fazer entender melhor. No entanto, ainda alimento uma espécie de fantasia, há muito tempo: falo no telefone, e a voz do outro lado da linha me diz: “O senhor pode falar um pouco mais alto, não estou ouvindo”. Ponho-me então a gritar, e a voz repete constantemente: “Pode falar um pouco mais alto, não estou ouvindo” (p. 82). [...]*

*- Assim mesmo é notável ver alguém ter a certeza de que o que tem a dizer é importante.*

*- Sim, eu tinha essa certeza, mesmo quando nadava contra a corrente, contra todos aqueles que detinham um poder. Se há uma coisa que considero positiva em mim é o fato de jamais ter me deixado corromper pelas modas, quaisquer que fossem. Nunca me autorizei dizer algo sob o pretexto de que era moda.*

*Sinto de fato um certo orgulho hoje por nunca ter cedido, mesmo isso tendo sido difícil. Sempre tive consciência de que as opiniões dominantes eram uma impostura. Poderia ter tido uma vida mais fácil na Inglaterra se*

*tivesse aceitado as idéias dominantes, mas nunca me deixei arrastar por compromissos. Era impossível para mim (p. 84-85)<sup>4</sup>.*

A posição *outsider* que Elias relata ter ocupado no trecho aqui transcrito, *ipsi literis*, se relacionaria também à sua trajetória pessoal. Ou seja, a dificuldade em sua de inserção no meio acadêmico, mais precisamente de se tornar professor universitário, fato ocorrido quando já tinha aproximadamente 60 anos de idade.

Outra dificuldade encontrada por ele foi o fato de seus estudos serem vistos como fora da tradição estrutural-funcionalista<sup>5</sup>, que dominava a Sociologia naquele momento. Dentro dessa tradição, seus trabalhos estavam fadados a lugares de pouca expressão dentro do campo, como, por exemplo, *Os Estabelecidos e Outsiders* (2000 [1965]). Esse trabalho foi visto pela hierarquia de pesquisas sociológicas daquele período como “estudo de comunidade”, pois, de acordo com a concepção da época, “quanto mais localizado fosse o objeto de estudo e quanto menor fosse sua escala, menor seria o alcance da teoria, a pretensão de uma obra e o status de um autor” (ELIAS, 2000 [1965], p. 8). Se na Europa, os trabalhos de Elias enfrentavam esses problemas, tal quadro não se mostraria diferente no Brasil, pois somente recentemente suas obras foram traduzidas para o português como podemos notar na bibliografia usada para a confecção deste trabalho. Entretanto, muitos escritos deste autor ainda continuam sem tradução para o português, sobretudo trabalhos relacionados à sociologia e a história do conhecimento e da ciência, dos quais teceremos, a seguir, alguns apontamentos.

Ao longo de sua trajetória, Elias nunca escondeu sua preocupação com a epistemologia ligada à Sociologia do Conhecimento, não se omitindo em discutir nas suas obras mais conhecidas como, por exemplo, os dois volumes de *O Processo Civilizador*, pontos que considerava chaves para se fazer uma sociologia que não fosse somente voltada para a sociedade ou somente para a ação individual. Em suma, procurou esboçar, ao longo de seus escritos, as dificuldades em polarizar o indivíduo ou a sociedade e trazer soluções para tais polarizações. Para tanto indicou o caminho da interdisciplinaridade entre História, Sociologia e Psicologia:

*Esse é mais um aspecto a partir do qual se podem facilmente derrubar as cercas artificiais que hoje erigimos no pensamento, dividindo os seres humanos em várias áreas de controle: os campos, por exemplo, dos psicólogos, dos historiadores e dos sociólogos. As estruturas da psique humana, as estruturas da sociedade humana e as estruturas da história humana são indissociavelmente complementares, só podendo ser estudadas em conjunto. Elas não existem e se movem na realidade com o grau de isolamento presumido pelas pesquisas atuais. Formam, ao lado de outras estruturas, o objeto de uma única ciência humana<sup>6</sup>*

Ao optar por esse caminho, ele contestava a adaptação de modelos da Física e Biologia pelas ciências humanas em suas metodologias. Além disso, Elias ao final de sua vida, fez incursões a outros campos a História e a Filosofia do Conhecimento e da Ciência. Até o momento de escrita desse trabalho, temos conhecimento de três artigos, um ensaio de livro e uma entrevista tratando de forma exclusiva o tema, que datariam a partir da década de 1970<sup>7</sup>. Observamos que muitas de suas análises em *Sociology of Knowledge* (1971), tanto na parte I quanto na II, estão presentes em outras obras, que já se encontram disponíveis em português, como na introdução e no capítulo dois (*O sociólogo como destruidor de mitos*), seis (*Sobre a sociogênese da economia e da sociologia*) e sete (*Para a fundamentação de uma teoria dos processos sociais*) de *Introdução à Sociologia*<sup>8</sup>, ou ainda diluídas em outras obras do autor. Menos conhecido ainda é o ensaio *Scientific Establishments* (1982), do qual temos referência na língua portuguesa por meio de Peter Burke<sup>9</sup>. Nesse ensaio, que faz parte da coletânea *Scientific Establishments and Hierarchies*, Elias tem como preocupação principal o estudo da organização social dos cientistas e seu impacto sobre os processos de aceitação ou resistência aos avanços, da controvérsia e consenso científico<sup>10</sup>. Ele enfatizava o processo de autonomia intelectual no contexto dos departamentos acadêmicos ao longo da modernidade. Os departamentos, em sua análise, têm papel fundamental na construção das redes do mundo acadêmico, pois estão em competição por financiamento, buscam estabelecer regras próprias e monopólios e, com isso, excluir aqueles que nelas não se enquadrarem, ou seja, os *outsiders*. Podemos tomar como exemplo dessa lógica o desenvolvimento de profissões como “*o clero, os advogados e os médicos, a que se juntam, no século XIX, engenheiro, arquitetos, contadores etc*” (Burke, 2003, p. 38). Segundo Burke (2003), é possível sentir ao longo do ensaio a influência de Mannheim, principalmente no trato com os humanistas ao vê-los como “*intelectuais flutuantes*”<sup>11</sup>, pois buscavam certa autonomia, distanciando-se em relação a outros grupos sociais em sua época. A produção de conhecimento, de saberes e a manipulação desses, constituíram meios para que esses homens mantivessem e aumentassem sua autonomia, o que estava ligado ao poder e ao status dentro e fora dos *establishments* científicos<sup>12</sup>. Para se proceder dita análise, uma exigência se faz importante para Elias, de acordo com Young (1984, p. 286): “*reconsiderar de maneira antecipada as concepções gerais que fundamentam a mais contemporânea Filosofia da Ciência*”.

Ainda sem referências em português, destacamos *Knowledge and Power* (1984) entrevista de Elias ao Professor Peter Ludes, que integrou a coletânea *Society and Knowledge: Contemporary Perspectives on the Sociology of Knowledge* e o artigo presente na revista

*Economy and Society, Theory of Science and History of Science: Comments on a recent discussion* (1972). Em relação à entrevista, sabemos por meio de Fröhlich (1996) que Elias enfatizava a importância de se pensar as ciências em termos de *figurações* constituídas por indivíduos conectados uns aos outros, formando *teias de interdependência*, uma vez que essa dimensão é responsável pela constituição de teorias, conceitos, pesquisas e resultados<sup>13</sup>. Em suma, a mudança de um *paradigma*<sup>14</sup> refere-se também a mudanças das *redes/teias de interdependência*<sup>15</sup> em uma determinada ciência. Essas mudanças muitas vezes são direcionadas pela inversão na *figuração estabelecidos-outsiders*, pois o “*progresso científico ocorre em uma dialética de establishments e outsiders científicos*”, ou seja, “*inovações são produzidas principalmente por outsiders, enquanto os estabelecidos frequentemente satisfazem-se com a ciência normal*, no sentido kuhniano do termo (FRÖHLICH, 1996, p. 4). Assim, como em outros trabalhos do autor, a questão da distribuição de poder tem papel preponderante para entender as relações dentro das *figurações* constituídas dentro do campo de produção do conhecimento, como em qualquer outro campo social. Segundo Fröhlich (1996, p. 4), o poder para Elias é parte constituinte de todos os relacionamentos humanos, não podendo ser visto como coisa e problema de uma sociologia especial. Por fim, *Theory of Science and History of Science: Comments on a recent discussion* (1972), pode ser considerado o único artigo que Elias trata o tema História e Filosofia da Ciência de maneira mais direta, dialogando com o filósofo da ciência Imre Lakatos e o historiador da ciência Thomas S. Kuhn. Esses dois autores encontravam-se na época da escrita do artigo de Elias envolvidos em uma controvérsia a cerca da metodologia em relação ao papel do historiador e do filósofo na pesquisa, na análise e na formulação teórica em torno da história e da filosofia da ciência. Muita dessa controvérsia teria sido gerada pela obra kuhniana, *As Estruturas das Revoluções Científicas* – já mencionada na nota número quatorze – que despontava como um dos livros mais vendidos no mundo naquele momento. Elias chama a atenção para o fato de que tanto Lakatos como Kuhn desenvolvem suas teorias em relação às ciências tendo como horizonte as teorias da Física e de maneira que o desenvolvimento da ciência seja tratado como independente do desenvolvimento de outros campos sociais. Essas observações têm como implicação o fato de se fazer uma “*história interna*” de uma ciência desconexa da “*história externa*”<sup>16</sup>. Diante desse cenário, caberia então a Sociologia da Ciência dá conta de pontos que a História e a Filosofia da Ciência não davam: pensar as ciências como uma entidade diversa, complexa, múltipla, não alicerçadas a um paradigma de ciência, no caso o da Física; perceber a emergência, os desenvolvimentos internos e externos de cada ciência ao

longo do tempo e como esses desenvolvimentos se comunicam e, mediante a isso, buscar compreender como a autonomia de determinada ciência cresce ou diminui. Em suma, a grande preocupação de Elias neste trabalho é a questão do processo de desenvolvimento do conhecimento científico e como suas observações podem contribuir para sua análise em relação ao papel da Sociologia do Conhecimento e da Ciência e, mesmo, para a História e Filosofia do Conhecimento e da Ciência.

Para além desses trabalhos, Elias pode nos ajudar a pensar a relação cientista-comunidade científica, por meio de sua própria trajetória. Assim, acreditamos que a sua visão sobre sua posição na comunidade de sociólogos nos possibilita a compreensão de como suas principais ferramentas metodológicas podem nos ajudar a compreender a lógica da relação entre indivíduos dentro dessa *figuração*.

### **Entre estabelecidos e outsiders: impressões eliasianas sobre a comunidade científica**

Voltaremos, agora, nossa atenção para questão de como os conceitos do autor, tais como *figurações*, *redes de interdependência*, suas discussões sobre a relação indivíduo e sociedade, pode nos ajudar na análise de uma comunidade científica. A partir disso, tentaremos fazer um desenho do que seja a comunidade científica para Elias com base em seus escritos sobre as teorias reinantes nas Ciências Sociais no momento em que ele viveu (a relação *estabelecidos-outsideers* em sua trajetória de vida).

Pensar a comunidade científica na visão eliasiana, pressupõe pensá-la dentro das discussões em torno da relação indivíduo-sociedade. Sem dúvida, a comunidade científica é formada por *redes (teias) de interdependência* na qual o indivíduo, que queira dela participar, percorre determinados caminhos para nela se integrar. O cientista não nasce sabedor da ciência que pratica, ele precisa da comunidade científica para se tornar cientista. Há aqui um paralelo entre as concepções de Elias e as concepções kuhnianas. Para Kuhn (1986 [1962]) o cientista é formado dentro das idéias e valores de uma comunidade científica, ou seja, ele é treinado a resolver os problemas propostos pelo paradigma vigente na comunidade científica. Para Elias, bem como para Kuhn, a comunidade científica já existia antes do cientista. Contudo, para Elias, se o cientista pretende se integrar à comunidade, ele deve estabelecer relações com outros indivíduos que já participam da comunidade, ou seja, “o indivíduo se forma partindo de uma rede de pessoas que existiam antes dele para uma rede que ele ajuda a formar” (ELIAS, 1994 [1987], p. 36). Sua inserção se dará por sua formação, pela incorporação das regras do grupo em suas práticas, o que estaria dentro do princípio de que

“toda estrutura de autocontrole individual, consciente e inconsciente, constitui um produto reticular formado numa interação contínua de relacionamentos com outras pessoas, e que a forma individual do adulto é uma forma específica de cada sociedade” (ELIAS, 1994 [1987], p. 31). Percebe-se que Elias deixa claro o movimento de interação entre indivíduo-sociedade, como uma via de mão dupla, algo que Kuhn só fará mais tarde, na revisão de seus estudos<sup>17</sup>. O próprio autor, em sua trajetória pessoal de vida, nos apresenta vários exemplos, tendo o da elaboração de sua tese de doutoramento em filosofia como uns dos mais marcantes:

*Em minha tese de 1923, tentei mostrar que não acreditava mais no a priori. Mas meu orientador me obrigou a inserir uma cláusula de reserva segundo a qual o valor objetivo [Geltung] é eterno e escapa da corrente da História. Eu já sabia naquela época que isso não era exato. [...] Minhas relações com meu venerado professor Richard Hönlwald, que foi também meu orientador de tese, foram rompidas com uma desavença profunda e definitiva. Durante as pesquisas que eu fazia para minha tese de doutorado, havia me convencido – através de penosos conflitos comigo mesmo – de que aquela coisa do a priori não era exata. [...] E como isso me parecia irrefutável, consignei-o em minha tese de doutorado.[...] Hönlwald declarou simplesmente que aquilo era falso. Sem apresentar razões que eu considerasse convincentes, exigiu que modificasse meu trabalho, afirmando que não podia aceitá-lo naquele estado. Fincamos pé em nossas posições – posições que ainda hoje defendo –, até o momento em que me foi necessário admitir que seu poder era maior que o meu. Suprimi as passagens explícitas, aliviei algumas outras, depois enviei-lhe esse produto podado, que ele aceitou sem dizer nada, e foi assim que me tornei doutor em filosofia pela Universidade de Breslau (ELIAS, 2001, p. 41, 101, grifo nosso).*

Se o indivíduo, no caso o cientista, só pode ser pensado a luz da comunidade a qual participa, como podemos então conceber a importância de cientistas como Pasteur, Oswaldo Cruz, Newton, Einstein para a ciência e suas relações com as comunidades das quais participavam? Essa questão nos remonta mais uma vez a relação da sociedade com os indivíduos e vice-versa, ou seja, “se a história é feita por grandes homens isolados ou se todas as pessoas são intercambiáveis, não tendo a individualidade a menor importância na marcha da história” (ELIAS, 1994 [1987], p. 52). Para respondermos essa questão, o autor nos propõe ir ao encontro da experiência empírica, ou seja, observar como isso ocorre a partir das fontes. Sendo assim, entender os grandes cientistas pressupõe entender a comunidade, as redes das quais eles estavam interligados à sua época, uma vez que, por maior que seja a influência de um cientista ou o destaque de sua posição para a comunidade científica, sua autonomia encontra-se limitada por essa comunidade, que é autonomamente mais forte. Contudo, nem todas as pessoas têm a mesma importância para o curso dos fatos, pois, a influência individual

depende da posição social ocupada pelo indivíduo nas redes. Essa posição determina o alcance de seus atos dentro das redes que o cientista participa. Em suma, “a atividade individual de alguns é a limitação social de outros, e só depende do poder das funções interdependentes em questão, do grau de dependência recíproca, saber quem será mais capaz de limitar quem através de sua atividade” (ELIAS, 1994 [1987], p. 52).

Diante disso, percebe-se claramente que as relações humanas, em qualquer comunidade, são constituídas por tensões, conflitos, embates, entraves etc. Dentro desse universo social encontra-se a comunidade científica, que também segue tal orientação, mas com regras próprias à sua estrutura. Ao analisar como se constituía as maneiras de pensar da comunidade de sociólogos, o autor observa a existência de vários grupos que estão ligados a modelos teóricos. Ele demonstra que desde o aparecimento de modelos “sociológicos”, como os de Marx e Comte no século XIX, não podemos entender que a eleição do modelo dominante de pesquisa foi algo realizado no sentido de discussões intimamente empíricas, fechadas às influências de outros interesses que não fossem os dos cientistas. Um exemplo, dessa influência externa, pode ser notada quando o autor comenta que seu estudo em Winston Parva (*Os Estabelecidos e os Outsiders*) era

*uma investigação conduzida por não mais que duas pessoas, que só tinham que prestar contas a elas mesmas e não eram estorvadas pelas estipulações prévias que costumam estar implícitas no recebimento de verbas de pesquisa, podia ser conduzida de maneira relativamente flexível, sem necessidade de adesão a um problema predeterminado ou a um calendário fixo (ELIAS, 2000 [1965], p. 16).*

Elias entende que o desenvolvimento no conhecimento científico não deve ser pensado fora de um diálogo com desenvolvimentos de outros campos, ou seja, os campos ou comunidades sociais vivem em relação de interdependência uns com os outros ao longo do tempo e no espaço. A eleição de novos modelos de pensamento, ou numa linguagem mais kuhniana, dos *paradigmas*, ocorre não somente por motivações advindas do fato de que esses *paradigmas* não conseguem resolver mais determinados problemas da prática científica. Ela está relacionada também a outras demandas sociais e, mesmo, à constituição das relações de poder dentro da comunidade científica ou a repercussão que essas mudanças podem levar aos indivíduos em outras comunidades sociais. Para entendermos como ocorrem tais mudanças torna-se necessário aceitar que a comunidade científica é constituída por *figurações estabelecidos-outsiders*<sup>18</sup>. Dentro dos graus propostos por Elias a esse tipo de *figuração*, entendemos que no caso da comunidade científica, *estabelecidos* e *outsiders* dependem uns

dos outros e, por isso, o diferencial de poder entre esses grupos é pequeno, ou nas palavras de Elias,

*quando os grupos outsiders são necessários de algum modo aos grupos estabelecidos, quando têm alguma função para estes, o vínculo duplo começa a funcionar mais abertamente e o faz de maneira crescente quando a desigualdade da dependência, sem desaparecer diminui – quando o equilíbrio de poder pende um pouco a favor dos outsiders (ELIAS, 2000 [1965], p.33).*

Ao pensarmos dessa forma, aproximamos Elias de autores como Ludwik Fleck (1986 [1935]), Pierre Bourdieu (1983), e mesmo Kuhn (1986 [1962]), que, cada qual a sua maneira, percebeu a comunidade científica como constituída por disputas entre indivíduos legitimados pelo *paradigma* vigente e por indivíduos que ocupam posições secundárias<sup>19</sup>. Ou seja, as disputas entre os cientistas *estabelecidos*, que resolvem problemas da *ciência normal* e aqueles que não seguem integralmente o *paradigma* vigente, aqueles que buscam novas soluções para os problemas não solucionados pelo paradigma em questão, como as *anomalias*<sup>20</sup> descritas por Kuhn. Mas, ainda assim, os *outsiders* legitimariam a posição dos *estabelecidos* na comunidade científica.

Pressupor tal grau de dependência entre *estabelecidos* e *outsiders* significa acreditar então que o processo de desenvolvimento do conhecimento não é regido por rupturas radicais, como pressupunha Kuhn, mas sim por mutações permanentes, concepção mais próxima da proposta de Fleck. A mudança de modelos ou *paradigmas* são mais do que mudanças de idéias, e, portanto, são mudanças nas relações de interdependência das *figurações* dentro das comunidades científicas. Nesse sentido, ferramentas como *figurações* e *redes de interdependência* nos ajudam a problematizar as relações dentro da comunidade científica, e de seus participantes com outras comunidades sociais.

Ao voltarmos para o caso específico do autor na comunidade de sociólogos, podemos dizer que Elias se via como *outsider* nessa comunidade. Neiburg, em sua apresentação à edição brasileira de *Os Estabelecidos e os Outsiders* (2000) também nos oferece observações que parecem corroborar em ver Elias como parte dos *outsiders* na comunidade de sociólogos:

*Os Estabelecidos e Outsiders é o trabalho mais importante realizado por Elias durante esses 40 anos nos quais pouco publicou, ocupando um lugar marginal com relação à sociologia da época. [...] Os estabelecidos e os outsiders ocupa um lugar singular na história da teoria social do período posterior à Segunda Guerra Mundial, quando a sociologia (e, principalmente, a sociologia escrita em língua inglesa) estava dominada pelo modelo estrutural-funcionalista, associado a figura de Talcott Parsons. Segundo esse modelo, que se organizava em torno da oposição sociologia*

*teórica – sociologia empírica, quanto mais localizado fosse o objeto de estudo e quanto menor fosse a sua escala, menor seria o alcance da teoria, a pretensão de uma obra e o status de um autor. Nessa hierarquia de autores, obras e objetos, textos com o de Elias e Scotson estavam condenados a um lugar menos. (ELIAS, 2000 [1965], p. 8).*

As palavras de Neiburg podem nos sugerir a seguinte indagação/hipótese: ao assumir que sua teoria poderia ser utilizada para vários recortes ou escalas, Elias buscou compará-la ao modelo vigente, buscando assim se integrar ao grupo estabelecido. Sobre a posição de Elias na comunidade de sociólogos, encontramos opinião semelhante em Garrigou e Lacroix, quando observam que ele se via como “personagem de terceiro escalão” nas disputas no meio acadêmico<sup>21</sup>. Em passagem no primeiro volume de *O Processo Civilizador* (1990 [1939]), Elias se via ainda como pioneiro de métodos de estudos que a comunidade ainda não aderira, ou seria isso uma maneira de reclamar pelo fato de ser pouco escutado pelos seus pares:

*Uma vez que o progresso do saber depende em grande parte do intercâmbio e fertilização cruzada de numerosos colegas e do desenvolvimento contínuo do estoque comum dos conhecimentos, poder-se-ia esperar que, trinta anos depois, este estudo ou se tivesse tornado parte do fundo-padrão de conhecimentos da disciplina, ou tivesse sido mais ou menos superado pelo trabalho de outros autores e posto de lado. [...] Em vez disso, descobro, uma geração depois, que este estudo conserva o caráter de obra pioneira em um campo problemático que, hoje, dificilmente precisa menos que há trinta anos do estudo simultâneo nos planos empírico e teórico que se encontra nestas páginas (ELIAS, 1990 [1939], p. 218, grifo nosso).*

Acreditamos que, para que Elias se tornasse um *estabelecido*, ele deveria se adaptar ao modelo vigente, ou então, expandir suas redes dentro da comunidade de sociólogos, o que aumentaria sua influência na mesma. Assim, como em Winston Parva, onde um grupo *estabelecido* se representava a partir de uma minoria, de uma elite, Elias dá demonstrações de que o mesmo pode ser adaptado à comunidade dos sociólogos quando esta elege o modelo de Parsons e seus partidários como o predominante na Ciência Social naquele momento:

*A fim de exemplificar este fato, bastará discutir a maneira como o homem que é atualmente considerado o principal teórico da sociologia, Talcott Parsons, tenta colocar e solucionar alguns dos problemas aqui estudados (p.218) [...] Parsons e todos os sociólogos da mesma inclinação imaginam que existam separadamente essas coisas a que se referem os conceitos de “indivíduo” e “sociedade” [...] Não se surpreende encontrar em Parsons e em muitos outros teóricos modernos no campo da sociologia uma tendência a reduzir processos sociais a estados, mesmo quando esses autores se ocupam explicitamente do problema da mudança social. De conformidade com a tendência predominante em sociologia, Parsons toma como ponto de partida a hipótese de que todas as sociedades existem normalmente em um estado de equilíbrio imutável, que é homeostaticamente preservado (p. 221) [...] Na opinião sociológica predominante, reciprocamente, as situações sociais, tratadas como se*

*normalmente existissem em estado de repouso servem como marcos de referência para todas as mudanças (p. 223) (ELIAS, 1990 [1939], grifo nosso).*

Sua posição na comunidade é mais explicitada ainda em uma passagem de *Os Estabelecidos e Outsiders*, ao comentar sobre a maneira que os seus colegas se utilizavam os métodos quantitativos e da sinopse das configurações dentro do paradigma vigente:

*Por conseguinte, o uso desses métodos de análise e sinopse das configurações ainda se restringe, predominantemente, ao acaso dos talentos individuais. Ainda não é parte integrante da formação dos sociólogos aprender a observar e conceituar sistematicamente o modo como os indivíduos se agregam, como e por que eles formam entre si uma dada configuração ou como e por que as configurações assim formadas se modificam e, em alguns casos, se desenvolvem (ELIAS, 2000 [1965], p. 57).*

Em suma, após essas observações sobre a metodologia e a trajetória de Norbert Elias, podemos chegar ao seguinte desenho da comunidade científica: uma comunidade constituída por *redes de interdependência* que interagem ao longo do processo de desenvolvimento científico. Uma comunidade formada por *figurações estabelecidos-oustiders*. Nessa relação, entre *estabelecidos* e *oustiders*, a diferença de poder entre os dois grupos é pequena, pois os *estabelecidos* precisam do reconhecimento por parte dos *oustiders* (para se legitimarem), ao passo que estes *oustiders* estão sujeitos as regras do grupo (determinadas pelos estabelecidos) para se inserir e integrar um grupo que desenvolve conhecimento. Sendo assim, percebe-se a interação social ou *redes de interdependência* entre *estabelecidos* e *oustiders* no processo de desenvolvimento científico, segundo explica Elias ao longo de seus estudos sociológicos.

### **Considerações finais**

Para concluir, percebemos que conceitos como *figurações*, destacando-se a *figuração* do tipo *estabelecidos-oustiders*, e *redes/teias de interdependência* podem ser entendidos como chave para compreensão da trama do desenvolvimento do conhecimento e das relações dos cientistas dentro de sua comunidade e com outras comunidades sociais. Elias acredita não ser possível desconectar o cientista, a ciência, a comunidade científica do seu local e época de produção. Sendo assim, acreditamos que a utilização dos conceitos forjados por Elias como ferramentas metodológicas pode nos auxiliar a entender as relações múltiplas entre as comunidades científicas, os cientistas, os *oustiders* e, toda a gama de complexas relações que se estabelece em uma análise sociológica do processo científico.

Enfim, sabemos que essa análise aqui empreendida foi apenas introdutória e que, há ainda muito a ser debatido e entendido. Torna-se necessário entender Elias a luz de outros autores, cânones da Sociologia e da História do conhecimento, como Bruno Latour, Pierre Bourdieu, David Bloor, Ludwik Fleck e mesmo a Tomas S. Kuhn, buscando perceber em que medida suas contribuições foram pioneiras e se ainda mantêm-se atuais para esses campos de estudo. Em relação à Fleck, acreditamos que existam muitas semelhanças com Elias, semelhanças que começam pelo fato de terem vivido na mesma época em cidades próximas, no eixo Alemanha-Polônia, por ambos terem formação em medicina, por terem tido a influência de Karl Mannheim em suas teorias, entre outras semelhanças, o que mereceria um estudo próprio. Porém, mais urgente do que isso, é uma análise mais profunda de questões como o processo de especialização da ciência, a “teoria dos *establishments* científicos” entre outras de obras de Elias aqui alistadas e vistas de maneira rápida, pois percebemos uma carência enorme desse tipo de estudo no Brasil<sup>22</sup>.

---

#### NOTAS

1 Segundo Veiga (2002, p. 94), o termo configuração/figuração “é utilizado [por Elias] para traduzir uma formação social com base na relação de interdependência entre os indivíduos, [pois] cada ação individual depende de uma série de outras, que por sua vez modificam a própria figura do grupo social, tanto na dimensão macro quanto micro”. Cf. VEIGA, Cynthia Greive. A escolarização como projeto de civilização. Revista Brasileira de Educação, n. 21, set. /dez. 2002. A partir da leitura de Elias podemos entender a comunidade científica como uma figuração, mas também como formada por várias figurações, dependendo do foco/escala/recorte dado.

2 ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador: Uma história dos costumes, vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990 [1939]. O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização, vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993 [1939].

3 Segundo Neiburg (2000), outsiders, dentro do contexto vivenciado e teorizado por Elias, são aqueles que estão fora de posições de prestígio e poder em um determinado grupo. Eles existem no plural, não se constituindo como um grupo social. Cf. ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os Estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2000 [1965].

4 ELIAS, Norbert. Norbert Elias por ele mesmo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

5 Tradição de estudos da sociologia que acreditava que a escala do objeto determinava o alcance da teoria como também a importância da pesquisa para o meio acadêmico. Talcott Parsons foi o principal nome desta linha.

6 ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994 [1987], p. 38.

7 ELIAS, Norbert. “Sociology of knowledge: new perspectives part I”. Sociology, v. 5, n. 2, p. 149-168, 1971. “Sociology of knowledge: new perspectives part II”. Sociology, v. 5, n. 3, p. 355-370, 1971. “Theory of science and history of science . Economy and Society”, v. 1, n. 2, p. 117-133,

- 
1972. \_\_\_\_\_. Scientific Establishments. In: Elias. Norbert et al. *Scientific Establishments and Hierarchies*. Dordrecht, Holland; Boston : D. Reidel Pub. Co.: Sold and distributed in the U.S.A. and Canada, Kluwer of Boston, 1982. \_\_\_\_\_. Knowledge and Power (Interview mit Peter Ludes), in: Stehr, N./ Meja V. (Hg.). *Society and Knowledge*. New Brunswick/ London: 1984, 251-291.
- 8 ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições '70, 2005 [1970].
- 9 Burke, Peter. *Uma história do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- 10 Young, R.E.. "Book Reviews : Scientific establishments and hierarchies, edited by Norbert Elias, Herminio Martins and Richard Whitley". Dordrecht, Holland, Reidel Publishing Co., 1982. *Journal of Sociology*, Sidney, n. 20, p. 286-288, 1984.
- 11 Expressão cunhada por Alfred Weber, empregada de empréstimo por Mannheim. Para esse autor, os intelectuais eram relativamente autônomos em relação a sociedade, não pertencendo a uma classe social específica. Essa posição permitiria a esses indivíduos captarem as tendências sociais com mais clareza que outros indivíduos (Burke, 2003).
- 12 Cf. nota 18 em Sigaud, Lygia. As vicissitudes do "Ensaio sobre o Dom". *Mana*, Rio de Janeiro v. 5, n. 2, out. 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/mana/v5n2/v5n2a04.pdf>. Acesso em 15/12/2007.
- 13 Fröhlich, Gerhard. The (Surplus) Value of Scientific Communication. *Review of Information Science: A Peer-reviewed Electronic Journal Promoting Academic Research in Information Science*, 1996. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/archive/00008670/01/Surplus Value ScienComm.pdf>. Acesso em: 27/12/2007.
- 14 Segundo explica Thomas Kuhn (1986 [1962], p. 43), "no seu uso estabelecido, um paradigma é um modelo ou padrão aceitos". Uma teoria ou um conjunto de teoria, uma forma de olhar ou uma forma de lidar com determinado objeto define a produção científica característica de um período. Essa produção científica específica de um contexto é chamada por Kuhn de ciência normal. A ciência normal é aquela que consegue propor e resolver todos os problemas dentro de um determinado paradigma. Quando isso não ocorre, dizemos então que ela se tornou revolucionária. Sendo assim, a ciência normal se transforma ao longo do desenvolvimento científico, por meio das chamadas mudanças de paradigmas. Cf. KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1986 [1962].
- 15 São relações estabelecidas entre indivíduos dentro de determinada formação social. São essas redes que nos permitem definir a extensão das ações de cada indivíduo nas formações que eles participam.
- 16 Como observamos, o artigo nasce de uma problemática que relaciona duas vertentes em relação ao se escrever a história do conhecimento e da ciência: a primeira seria uma vertente conhecida como internalista, que acreditava na possibilidade de se fazer uma história própria de uma determinada ciência, voltada mais a prática epistemológica, como se essa prática não tivesse ligação alguma com os fatos exteriores do campo científico. Era uma história muitas vezes usada como introdução histórica dos manuais de ciências, como uma apresentação sistemática do conhecimento gerado desde sua origem até aquele momento. Já a segunda vertente, conhecida como externalista, que tinha Robert K. Merton como um de seus expoentes, defendia que todo conhecimento de qualquer ciência estava condicionado a fatores extra-ciência, principalmente à fatores políticos.
- 17 Para maiores informações sobre as revisões elaboradas por Thomas Kuhn aos seus trabalhos iniciais, ver: KUHN, Thomas S. *O caminho desde A Estrutura: ensaios filosóficos, 1970-1993, com uma entrevista autobiográfica*. São Paulo: Editora UNESP, 2006. Ou ainda: CONDÉ, M. L. L. ; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. *Thomas Kuhn e a nova historiografia da ciência. Ensaio - Pesquisa Em Educação Em Ciências*, Belo Horizonte, v. 04, n. 02, p. 1-12, 2004.
- 18 Segundo Elias, uma figuração estabelecidos-outsiders é constituída quando "um grupo tem um índice de coesão mais alto do que o outro e essa integração diferencial contribui substancialmente para seu excedente de poder; sua maior coesão permite que esse grupo reserve para seus membros as posições sociais com potencial de poder mais elevado e de outro tipo, o que vem reforçar sua coesão, e excluir dessas posições os membros dos outros grupos [...]" (ELIAS, 2000 [1965], p. 22).
- 19 BOURDIEU, Pierre. *O Campo Científico*. In. ORTIZ, Renato. *Sociologia: Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983. FLECK, L. *La génesis y el desarrollo de un hecho científico*. Madrid: Alianza Editorial, 1986 [1935].
- 20 Segundo Kuhn (1986 [1962]), as anomalias aparecem no processo de desenvolvimento científico quando um paradigma não consegue mais resolver os problemas científicos ou quebra-cabeças. O aparecimento e o reconhecimento dessas anomalias é, segundo Kuhn, um dos primeiros passos para o desencadear de uma revolução científica por meio da mudança de paradigma.
- 21 Garrigou, Alain; Lacroix, Bernard. Norbert Elias: A Política e a História. São Paulo: Perspectiva, 2001.

---

22 Em nossas buscas, apuramos a existência de dois trabalhos que se aproximam da proposta aqui levantada: Pilatti, Luiz Alberto. A idéia de envolvimento e alienação em Norbert Elias; Hunger, Dagmar; Neto, Samuel S. A Sociologia do conhecimento em Mannheim e Elias - Modelos teóricos de Investigação social, apresentados respectivamente no VII Simpósio Internacional Processo Civilizador: História, Civilização e Educação em 2003. Disponíveis em <http://www.fef.unicamp.br/sipc/anais7/Trabalhos%20Apresentados.htm>. Acesso em 15/12/2007.

\* Artigo recebido em maio de 2008. Aprovado em setembro de 2008.